

Economistas unidos no plenário

O abandono das propostas de ajuste ortodoxo da economia para evitar o risco da explosão inflacionária não é apenas consenso no governo. Também entre os economistas com mandato no Congresso Nacional reina esta convicção. Eles se dividem, entretanto, entre a opção por um choque — medidas de grande impacto, que dariam novos rumos para a política econômica — ou pela adoção de iniciativas básicas que permitam a convivência com a inflação em níveis suportáveis.

Delfim Netto (PDS-SP), Francisco Dornelles (PFL-RJ), Benito Gama (PFL-BA), Osmundo Rebouças (PMDB-PB), José Serra (PSDB-SP) e César Maia (PDT-RJ), parlamentares que o líder do governo na Câmara,

deputado Luís Roberto Ponte (PMDB-RS), considera formadores de opinião dentro do Congresso, apontam na mesma direção quanto à natureza das medidas necessárias. Maia defende o choque, planejado e executado sob responsabilidade exclusiva do governo, mas com o apoio certo do Legislativo.

Os deputados economistas acham também que não deve partir do Congresso um plano econômico a ser executado pelo governo. Benito Gama explica que “a maioria do bom senso está formada, com a colaboração não intencional das esquerdas”: PMDB e PFL estão unidos para aprovar “as medidas econômicas necessárias para salvar as instituições e garantir a eleição presidencial”.